

Domingo XII do Tempo Comum – Ano A – 21.06.2026



**"Não tenhais medo dos homens,
pois nada há encoberto que não venha a descobrir-se,
nada há oculto que não venha a conhecer-se."**

Viver a Palavra

A experiência do medo faz parte da nossa condição humana e traduz-se num estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários. É verdade, que a experiência do medo, em muitas circunstâncias, é a possibilidade de evitarmos o perigo e impedir que algo de grave aconteça. Contudo, o medo pode ser também paralisador e impedir de avançar e progredir.

Neste Domingo, continuamos a escutar o Discurso Missionário do Evangelho de Mateus onde Jesus exorta os Seus discípulos a vencer o medo. Enviando os Doze em missão porque *«a seara é grande e os trabalhadores são poucos»*, por três vezes Jesus os desafia a não temer. Mas não se trata, apenas, de um reforço positivo ou de uma palmada nas costas para dar ânimo e fazer avançar. Jesus desafia-os à confiança que está alicerçada na certeza de que não caminham sozinhos, que valem muito mais do que todos os passarinhos e que Aquele que os criou por amor e os envia em missão, por amor, continua a recriá-los e a cuidar deles.

Jesus sabe que os medos habitam a nossa casa e o nosso coração e que a nossa existência está suspensa entre tantos limites que condicionam a nossa ação. Quanto mais o medo ganha espaço, mais nos tornamos inseguros, fechados em nós próprios e, porventura, desconfiados e agressivos. O medo faz-nos sentir cercados como Jeremias que sentia as invetivas da multidão. Mas como o profeta haveremos de renovar no nosso coração a certeza: *«o Senhor está comigo como herói poderoso, e os meus perseguidores cairão vencidos»*. O medo não pode ter a última palavra e, por isso, aos discípulos de ontem tal como a nós, discípulos de hoje, Jesus continua a exortar: *«não tenhais medo»*.

Não ter medo não significa ser irresponsável, mas significa não se deixar paralisar pelas dificuldades e exigências do caminho. Os discípulos enviados por Jesus sofrerão perseguições, obstáculos e inimizades, mas são convidados a vencer o medo e a exigência da missão com o amor que se faz entrega e serviço.

É necessário pregar sobre os telhados e nas praças a mensagem do amor e da esperança. É urgente comunicar a todos que o Pai cuida de nós e que até o mais ínfimo cabelo não é descuidado. Contudo, este desvelo e cuidado do Pai não deve ser apenas um dom a saborear e a agradecer, mas constitui-se como uma escola da arte de amar. Amados e cuidados por Deus somos chamados a cuidar e amar aqueles que se cruzam connosco. Jesus adverte que todo aquele que se declarar por Ele diante dos homens será declarado por Ele diante do Pai e bem sabemos que não há melhor confissão de fé do que aquela que se revela com palavras e gestos que unidos entre si comunicam o amor.

Só o amor oferece a possibilidade de uma vida nova e a construção de um mundo novo e diferente, porque foi precisamente o amor feito entrega generosa até ao fim na Cruz que nos abriu as portas da vida eterna e venceu o nosso maior medo: o pecado e a morte. Como nos recorda S. Paulo *«se pelo pecado de um só todos pereceram, com muito mais razão a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, se concedeu com abundância a todos os homens»*.

Conscientes desta certeza, podemos caminhar com mais confiança e segurança, mas também com maior responsabilidade, pois chamados a comunicar a quantos vivem desanimados e sem esperança a certeza de que

a nossa vida se inscreve num horizonte de graça que nos projeta para a eternidade e que nos faz saborear já, no aqui e agora do tempo e da história, o amor e a misericórdia que viveremos em plenitude no Céu. *in Voz Portucalense.*

+++++

Tal como indica o diretório litúrgico, dele lembrar-se os fiéis que **no próximo Domingo, Domingo XIII do Tempo Comum – 28.06.2026** - em todas as dioceses de Portugal, realiza-se o Ofertório para a Santa Sé ou Cadeira de S. Pedro. Este ofertório, para lá dos bens materiais partilhados, é sinal da comunhão com a Sé de Pedro e da comunhão da Igreja Universal. *in Voz Portucalense*.

+++++

Estamos no ano litúrgico – **2025/2026, o Ano A** – em que iremos ter a companhia do evangelista S. Mateus em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus.

Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Jeremias 20,10-13

Leitura do Livro de Jeremias

Disse Jeremias:

"Eu ouvia as invetivas da multidão:

'Terror por toda a parte! Denunciái-o, vamos denunciá-lo!'

Todos os meus amigos esperavam

que eu desse um passo em falso:

'Talvez ele se deixe enganar

e assim poderemos dominar e nos vingaremos dele'.

Mas o Senhor está comigo como herói poderoso

e os meus perseguidores cairão vencidos.

Ficarão cheios de vergonha pelo seu fracasso.

ignomínia eterna que não será esquecida.

Senhor do Universo.

que sondais o justo e perscrutais os rins e o coração,

possa eu ver o castigo que dareis a essa gente,

pois a Vós confiei a minha causa.

Cantai ao Senhor, louvai o Senhor,

que salvou a vida do pobre das mãos dos perversos".

CONTEXTO

Jeremias, o profeta nascido em Anatot por volta de 650 a.C., exerceu a sua missão profética desde 627/626 a.C., até depois da destruição de Jerusalém pelos Babilônios (586 a.C.). O cenário da atividade do profeta é, em geral, o reino de Judá (e, sobretudo, a cidade de Jerusalém).

A primeira fase da pregação de Jeremias abrange parte do reinado de Josias. Este rei - preocupado em defender a identidade política e religiosa do Povo de Deus - leva a cabo uma impressionante reforma religiosa, destinada a banir do país os cultos aos deuses estrangeiros. A mensagem de Jeremias, neste período, traduz-se num constante apelo à conversão, à fidelidade a Jahwéh e à aliança.

No entanto, em 609 a.C., Josias é morto em combate contra os egípcios. Joaquim sucede-lhe no trono. A segunda fase da atividade profética de Jeremias abrange o tempo de reinado de Joaquim (609-597 a.C.). O reinado de Joaquim é um tempo de desgraça e de pecado para o Povo, e de incompreensão e sofrimento para Jeremias. Nesta fase, o profeta aparece a criticar as injustiças sociais (às vezes fomentadas pelo próprio rei) e a infidelidade religiosa (traduzida, sobretudo, na busca das alianças políticas: procurar a ajuda dos egípcios significava não confiar em Deus e, em contrapartida, colocar a esperança do Povo em exércitos estrangeiros). Jeremias está convencido de que Judá já ultrapassou todas as medidas e que está iminente uma invasão babilónica que castigará os pecados do Povo de Deus. É sobretudo isso que ele diz aos habitantes de Jerusalém... As previsões funestas de Jeremias concretizam-se: em 597 a.C., Nabucodonosor invade Judá e deporta para a Babilónia uma parte da população de Jerusalém.

No trono de Judá, fica então Sedecias (597-586 a.C.). A terceira fase da missão profética de Jeremias desenrola-se precisamente durante este reinado.

Após alguns anos de calma submissão à Babilónia, Sedecias volta a experimentar a velha política das alianças com o Egipto. Jeremias não está de acordo que se confie em exércitos estrangeiros mais do que em Jahwéh. Mas nem o rei nem os notáveis lhe prestam qualquer atenção à opinião do profeta. Considerado um amargo "profeta da desgraça", Jeremias apenas consegue criar o vazio à sua volta.

Em 587 a.C., Nabucodonosor põe cerco a Jerusalém; no entanto, um exército egípcio vem em socorro de Judá e os babilónios retiram-se. Nesse momento de euforia nacional, Jeremias aparece a anunciar o recomeço do cerco e a destruição de Jerusalém (cf. Jer 32,2-5). Acusado de traição, o profeta é encarcerado (cf. Jer 37,11-16) e corre, inclusive, perigo de vida (cf. Jer 38,11-13). Enquanto Jeremias continua a pregar a rendição, Nabucodonosor apossa-se, de facto, de Jerusalém, destrói a cidade e deporta a sua população para a Babilónia (586 a.C.).

Jeremias é o paradigma dos profetas que sofrem por causa da Palavra. De natureza sensível e cordial, homem de paz, que anseia pelo sossego da família e pelo convívio com os amigos, Jeremias não foi feito para o confronto, a agressão, a violência das palavras ou dos gestos; mas Jahwéh chamou-o para "arrancar e destruir, para exterminar e demolir" (Jer 1,10), para predizer desgraças e anunciar, com violência, destruição e morte (cf. Jer 20,8). Como consequência, foi continuamente objeto de desprezo e de irrisão e todos o maldiziam. Os familiares, os amigos, os reis, os sacerdotes, os falsos profetas, o povo inteiro, todos se afastavam, mal ele abria a boca. E esse homem bom, sensível e delicado sofria terrivelmente pelo abandono e pela solidão a que a missão profética o condenava.

Jeremias estava verdadeiramente apaixonado pela Palavra de Jahwéh e sabia que não teria descanso se não a proclamasse com fidelidade. Mas nos momentos mais negros de solidão e de frustração, o profeta deixou, algumas vezes, que a amargura que lhe ia no coração lhe subisse à boca e se transformasse em palavras. Dirigia-se a Deus e censurava-o asperamente por causa dos problemas que a missão lhe trazia. Chegou a comparar-se a uma jovem inocente e ingénua, de quem Deus se apoderou e a quem forçou a fazer algo que o profeta não queria (cf. Jer 20,7-9).

~ No Livro de Jeremias aparecem, a par e passo, queixas e lamentos do profeta, condenado a essa vida de aparente fracasso. Alguns desses textos são conhecidos como "confissões de Jeremias" e são verdadeiros desabafos em que o profeta expõe a Jahwéh, com sinceridade e rebeldia, a sua desilusão, a sua amargura e a sua frustração (cf. Jer 11,18-23; 12,1-6; 15,10.15-20; 17,14-18; 18,18-23; 20,7-18). O texto que hoje nos é proposto faz parte de uma dessas "confissões de Jeremias".. *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

Considerar, na reflexão, as seguintes questões:

- Ser profeta não é um caminho fácil: o exemplo de Jeremias é elucidativo (como também o é o testemunho de Óscar Romero, Luther King, Gandhi e tantos outros profetas do nosso tempo). O "mundo" não gosta de ver ser posta em causa a sua "paz podre", não está disposto a aceitar que se questionem os esquemas de exploração e injustiça instituídos em favor dos poderosos, nem que se critiquem os "valores" de alguns "iluminados" fazedores da opinião pública. O "caminho do profeta" é, portanto, um caminho onde se lida permanentemente com a incompreensão, com a solidão, com o risco... É, no entanto, um caminho que Deus nos chama a percorrer, na fidelidade à sua Palavra. Temos a coragem de seguir esse caminho? As "bocas" dos outros, as críticas injustas, a solidão que dói mais do que tudo, alguma vez nos impediram de cumprir a missão que o nosso Deus nos confiou?

- No batismo, fomos ungidos como "profetas", à imagem de Cristo. Estamos conscientes dessa vocação a que Deus, a todos, nos convocou? Temos a noção de que somos a "boca" através da qual a Palavra de Deus ressoa no mundo e se dirige aos homens?

- A experiência profética é um caminho de luta, de sofrimento, muitas vezes de solidão e de abandono; mas é também um caminho onde Deus está. O testemunho de Jeremias confirma que Deus nunca abandona aqueles que procuram testemunhar no mundo, com coragem e verdade, as suas propostas. Esta certeza deve trazer ânimo e dar esperança a todos aqueles que assumem, com coerência, a sua missão profética. *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 68 (69)

Refrão: Pela vossa grande misericórdia, atendei-me, Senhor.

**Por Vós tenho suportado afrontas,
cobrindo-se meu rosto de confusão.
Tornei-me um estranho para os meus irmãos,
um desconhecido para a minha família.**

Devorou-me o zelo pela vossa casa
e recaíram sobre mim os insultos contra Vós.
A Vós, Senhor, elevo a minha súplica,
no momento propício, meu Deus.
Pela vossa grande bondade, respondi-me,
em prova da vossa salvação.
Tirai-me do lamaçal, para que não me afunde,
livrai-me dos que me odeiam e do abismo das águas.
Vós, humildes, olhai e alegrai-vos,
buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará.
O Senhor ouve os pobres
e não despreza os cativos.
Louvem-n'O o céu e a terra,
os mares e quanto neles se move.

LEITURA II – Romanos 5,12-15

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos
Irmãos:

Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo
e pelo pecado a morte,
assim também a morte atingiu todos os homens,
porque todos pecaram.
De facto, até à Lei, existia o pecado no mundo.
Mas o pecado não é levado em conta, se não houver lei.
Entretanto, a morte reinou desde Adão até Moisés,
mesmo para aqueles que não tinham pecado
por uma transgressão à semelhança de Adão,
que é figura d'Aquele que havia de vir.
Mas o dom gratuito não é como a falta.
Se pelo pecado de um só pereceram muitos,
com muito mais razão a graça de Deus,
dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo,
se concedeu com abundância a muitos homens.

CONTEXTO

No final da década de 50 (a carta aos Romanos apareceu por volta de 57/58), a "crise" entre os cristãos oriundos do mundo judaico e os cristãos oriundos do mundo pagão acentua-se. Os cristãos de origem judaica consideravam que, além da fé em Jesus Cristo, era necessário cumprir as obras da Lei de Moisés, a fim de ter acesso à salvação; mas os cristãos de origem pagã recusavam-se a aceitar a obrigatoriedade das práticas judaicas. Era uma questão "quente", que ameaçava a unidade da Igreja.

Neste cenário, Paulo procura mostrar a todos os crentes a unidade da revelação e da história da salvação: judeus e não judeus são, de igual forma, chamados por Deus à salvação; o essencial não é cumprir a Lei de Moisés - que nunca assegurou a ninguém a salvação; o essencial é acolher a oferta de salvação que Deus faz a todos, por Jesus.

O texto que nos é proposto faz parte da primeira parte da Carta aos Romanos (cf. Rom 1,18-11,36). Depois de demonstrar que todos (judeus e não judeus) vivem mergulhados no pecado (cf. Rom 1,18-3,20) e que é a justiça de Deus que a todos salva, sem distinção (cf. Rom 3,21-5,11), Paulo ensina que é através de Jesus Cristo que a vida de Deus chega aos homens e que se faz oferta de salvação para todos (cf. Rom 5,12-8,39). *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

Na reflexão, podem considerar-se as seguintes questões

- A história do nosso tempo está cheia de exemplos de homens e mulheres que entregaram a vida para realizar o projeto libertador de Deus no mundo e que foram considerados pela cultura dominante gente vencida e fracassada (embora, com alguma frequência, depois de mortos sejam "recuperados" e apresentados como heróis). Jesus Cristo mostra, contudo, que fazer da vida um dom a Deus aos homens não é um caminho de fracasso e de morte, mas é um caminho libertador, que introduz no mundo dinamismos de vida nova, de vida autêntica, de vida definitiva. Eu estou disposto a arriscar, a fazer da minha vida um dom, para que a vida plena atinja e liberte os meus irmãos?

• Alguns acontecimentos que marcam o nosso tempo confirmam que uma história construída à margem de Deus e das suas propostas é uma história marcada pelo egoísmo, pela injustiça e, portanto, é uma história de sofrimento e de morte. Quando o homem deixa de dar ouvidos a Deus, dá ouvidos ao lucro fácil, destrói a natureza, explora os outros homens, torna-se injusto e prepotente, sacrifica em proveito próprio a vida dos seus irmãos. Qual o nosso papel de crentes neste processo? O que podemos fazer para que Deus volte a estar no centro da história e as suas propostas sejam acolhidas?

• A modernidade ensinou-nos que a fonte da salvação não é Deus, mas o homem e as suas conquistas. Exaltou o individualismo e a autossuficiência e ensinou-nos que só nos realizaremos totalmente se formos nós - orgulhosamente sós - a definir o nosso caminho e o nosso destino. No entanto, onde nos leva esta cultura que prescindir de Deus e das suas sugestões? A cultura moderna tem feito surgir um homem mais feliz, ou tem potenciado o aparecimento de homens perdidos e sem referências, que muitas vezes apostam tudo em propostas falsas de salvação e que saem dessa experiência de busca mais fragilizados, mais dependentes, mais alienados?
in Dehonianos

EVANGELHO – Mateus 10,26-33

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos:

**"Não tenhais medo dos homens,
pois nada há encoberto que não venha a descobrir-se,
nada há oculto que não venha a conhecer-se.**

**O que vos digo às escuras, digei-o à luz do dia;
e o que escutais ao ouvido proclamai-o sobre os telhados.**

**Não temais os que matam o corpo,
mas não podem matar a alma.**

Temei antes Aquele que pode lançar na geena a alma e o corpo.

Não se vendem dois passarinhos por uma moeda?

**E nem um deles cairá por terra
sem consentimento do vosso Pai.**

Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados.

Portanto, não temais:

valeis muito mais do que os passarinhos.

**A todo aquele que se tiver declarado por Mim
diante dos homens**

**também Eu Me declararei por ele
diante do meu Pai que está nos Céus.**

**Mas àquele que me negar diante dos homens,
também Eu o negarei
diante do meu Pai que está nos Céus".**

CONTEXTO

Continuamos no mesmo ambiente em que o Evangelho do passado domingo nos situava. Os discípulos - que Jesus chamou e que responderam positivamente a esse chamamento, que escutaram os ensinamentos e que testemunharam os sinais de Jesus - vão ser enviados ao mundo, a fim de continuarem a obra libertadora e salvadora de Jesus. Contudo, antes de partir, recebem as instruções de Jesus: é o "discurso da missão", que se prolonga de 9,36 a 11,1.

Mateus escreve durante a década de 80. No império romano reina Domiciano (anos 81 a 96), um imperador que não está disposto a tolerar o cristianismo. No horizonte imediato das comunidades cristãs, está uma hostilidade crescente, que rapidamente se converterá em perseguição organizada contra o cristianismo (no ano 95, por iniciativa de Domiciano, começa uma terrível perseguição contra os cristãos em todos os territórios do império romano).

A comunidade cristã a quem Mateus destina o seu Evangelho (possivelmente, a comunidade cristã de Antioquia da Síria) é uma comunidade com grande sensibilidade missionária, verdadeiramente empenhada em levar a Boa Nova de Jesus a todos os homens. No entanto, os missionários convivem, dia a dia, com as dificuldades e as perseguições e manifestam um certo desânimo e uma certa frustração. Os crentes não sabem que caminho percorrer e estão perturbados e confusos.

Neste contexto, Mateus compôs uma espécie de "manual do missionário cristão", que é o nosso "discurso da missão". Para mostrar que a atividade missionária é um imperativo da vida cristã, Mateus apresenta a missão dos discípulos como a continuação da obra libertadora de Jesus. Define também os conteúdos do anúncio e as atitudes fundamentais que os missionários devem assumir, enquanto testemunhas do "Reino". *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

Na reflexão, podem considerar-se as seguintes questões:

- O projeto de Jesus, vivido com radicalidade e coerência, não é um projeto "simpático", aclamado e aplaudido por aqueles que mandam no mundo ou que "fazem" a opinião pública; mas é um projeto radical, questionante, provocante, que exige a vitória sobre o egoísmo, o comodismo, a instalação, a opressão, a injustiça... É um projeto capaz de abalar os fundamentos dessa ordem injusta e alienante sobre a qual o mundo se constrói. Há um certo "mundo" que se sente ameaçado nos seus fundamentos e que procura, todos os dias, encontrar formas para subverter e domesticar o projeto de Jesus. A nossa época inventou formas (menos sangrentas, mas certamente mais refinadas do que as de Domiciano) de reduzir ao silêncio os discípulos: ridiculariza-os, desautoriza-os, calunia-os, corrompe-os, massacra-os com publicidade enganosa de valores efêmeros... Como a comunidade de Mateus, também nós andamos assustados, confusos, desorientados, interrogando-nos se vale a pena continuar a remar contra a maré... A todos nós, Jesus diz: "não temais".

- O medo - de parecer antiquado, de ficar desenquadrado em relação aos outros, de ser ridicularizado, de ser morto - não pode impedir-nos de dar testemunho. A Palavra libertadora de Jesus não pode ser calada, escondida, escamoteada; mas tem de ser vivamente afirmada com palavras, com gestos, com atitudes provocatórias e questionantes. Viver uma fé "morninha" (instalada, cómoda, que não faz ondas, que não muda nada, que aceita passivamente valores, esquemas, dinâmicas e estruturas desumanizantes), não chega para nos integrar plenamente na comunidade de Jesus.

- De resto, o valor supremo da nossa vida não está no reconhecimento público, mas está nessa vida definitiva que nos espera no final de um caminho gasto na entrega ao Pai e no serviço aos homens; e Jesus demonstrou-nos que só esse caminho produz essa vida de felicidade sem fim que os donos do mundo não conseguem roubar.

- A Palavra de Deus que nos foi hoje proposta convida-nos também a fazer a descoberta desse Deus que tem um coração cheio de ternura, de bondade, de solicitude. Se nos entregarmos confiadamente nas mãos desse Deus, que é um pai que nos dá confiança e proteção e é uma mãe que nos dá amor e que nos pega ao colo quando temos dificuldade em caminhar, não teremos qualquer receio de enfrentar os homens. *in Dehonianos.*

Para os leitores:

A **primeira leitura** é uma longa intervenção de Jeremias que deve ser proclamada tendo em atenção os diversos tons que o discurso apresenta: ameaçador, vingativo, esperança e o louvor. Este crescendo desde o cenário de terror e ameaça até ao júbilo e louvor deve ser evidente na proclamação do texto.

A **segunda leitura** requer uma acurada preparação. Devido às frases longas com diversas orações e à sua construção frásica, o leitor deve perceber bem a mensagem a transmitir e proceder a uma leitura articulada e pausada do texto para que possa eficazmente proclamar este texto.